

ARTE E FILOSOFIA

Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFOP

ISSN: 2526-7892

ARTIGO

A FORÇA DA NATUREZA NOS DEVANEIOS POÉTICOS DE ROUSSEAU¹

Luana Geronimo Aversa² e Marlene de Souza Dozol³

Resumo:

Neste artigo pretendemos demonstrar como Rousseau recupera uma forma de expressão que opera uma fusão entre os gêneros filosófico e literário, estetizando a própria filosofia, a natureza, o mundo e a si mesmo pelo uso que faz de uma linguagem que podemos definir por uma “retórica da sensibilidade”. Quer o teórico-artista que tal linguagem se abra para a “força” da natureza e com ela movimente a alma de seus leitores, levando a uma reforma de nível moral. Entre os textos que reabrem caminho para essa fusão, destacaremos aqui *Os devaneios do caminhante solitário*, mais especificamente sua “Quinta caminhada”, texto em que o autor explora todo o seu lirismo, sendo considerado por muitos como o mais “romântico” de seus escritos.

Palavras-chave: Natureza; Devaneios; Estética; Sensibilidade; Rousseau.

Abstract:

In this article we intend to demonstrate how Rousseau retrieves a form of expression that operates a fusion between philosophical and literary genres, aesthetizing philosophy, nature, the world and himself by the use of a language which can be defined as a "rhetoric of sensibility". The theorist-artist wants his language to recover the "force" of nature and, with it, to move the soul of hers/his readers, leading to a moral reformation. Among the texts that reopen the way to this fusion, we will highlight here the *Reveries of a Solitary Walker*, more specifically, the “Fifth Walk”, a text in which the author explores all his lyricism, being considered by many as the most "romantic" of his writings.

Keywords: Nature; Reveries; Aesthetics; Sensibility; Rousseau.

¹ The strength of nature in Rousseau's poetic daydreams

² Possui mestrado em Educação, pela linha “Filosofia da Educação”, pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente é doutoranda em Educação pela mesma universidade na linha “Filosofia da Educação” e integra o grupo GRAFIA - Grupo de Estudos em Filosofia da Educação e Arte/CNPQ. Realiza pesquisas que exploram as relações entre educação, filosofia e arte nas obras de Jean-Jacques Rousseau. Endereço de email: luanaaversa@gmail.com

³ Possui doutorado em Educação pela linha de pesquisa “História e Filosofia da Educação” pela Universidade de São Paulo (2001) e Pós-doutorado pelo departamento de Filosofia da FFLCH/USP. É Professora Titular da Universidade Federal de Santa Catarina; líder do Grupo de Pesquisa GRAFIA - Grupo de Estudos em Filosofia da Educação e Arte/CNPQ. É vinculada ao Grupo Interdisciplinar de Pesquisa Jean-Jacques Rousseau (UNICAMP) e recentemente esteve no Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, na condição de professora visitante. Endereço de email: lena.dozol@uol.com.br

Rousseau inicia seu *Discurso sobre as ciências e as artes* fazendo um elogio à cultura mas, nas páginas seguintes desse mesmo discurso, denuncia o “homem máscara”, que faz da cultura um simulacro da virtude. Para ele, a aparência que camufla a verdade dos homens e das coisas triunfou sobre a inocência de seus corações e, se as luzes trouxeram promessas de um futuro melhor, estas logo foram anuladas pela corrupção que as acompanhou. Cabe, então, a pergunta: a promessa de um progresso guiado exclusivamente pela razão, de uma civilização continuamente florescente, igualitária e democrática, anunciada pelo projeto iluminista dos séculos XVII e XVIII, concretizou-se?

Aos olhos de Rousseau, o avanço da sociedade no tocante às artes e às ciências não correspondeu ao aperfeiçoamento da espécie pois, se a consciência não se colocar como guia do progresso, esse mostrar-se-á nefasto. Em outras palavras, as artes e a ciência avançam, mas o homem, destituído do seu instinto natural de bondade que deveria regular suas ações mediante um correto processo de socialização, corrompe-se. A “descoberta” da consciência deve ser, portanto, o início e o fim do itinerário da filosofia, levando o homem a reencontrar sua humanidade, restaurando os verdadeiros valores que deverão conduzi-la.

Assim, vemos emergir, na filosofia do genebrino, a antinomia natureza *versus* cultura, que servirá de artifício retórico para a maioria de seus textos. De um lado – o da natureza – temos a consciência, o sentimento e a razão em potência que, se interligados, apontam sempre para um mesmo fim: a virtude e a harmonia com a Ordem em seu sentido metafísico. Do lado da cultura, aponta-se para a *hybris* ou “doença” da razão, que, ao não se submeter aos desígnios da natureza, estabelece um “conflito permanente, de onde nascem os males e os vícios de que sofrem os homens”.⁴ Consequentemente, temos “homens civilizados” vivendo em sociedade, mas mantendo, como que “em segredo”, suas inclinações naturais desdobradas em egoísmo. Ou seja, o homem cínico que, não conseguindo, através de boas instituições, converter o amor de si e a piedade (princípios naturais de todo ser humano) em virtude para consigo mesmo e para com os outros, acaba por fazer parte de uma “sociedade em que cada um se isola em seu amor-próprio e se protege atrás de uma aparência mentirosa”.⁵ Desse modo, segundo Rousseau, o homem moderno não foi capaz de desdobrar as potências virtuais da natureza em “luzes” e, ao invés do bem individual – que deveria se traduzir em bem político e público – vemos a particularização dos interesses e a substituição “da comunicação essencial das almas por um comércio factício e desprovido de sinceridade”.⁶

Portanto, ao posicionar-se frente à cultura de seu tempo, Rousseau promove uma considerável reviravolta nas convenções sociais e culturais do século XVIII, abrindo as portas para um movimento que modificará toda uma forma de pensar e de criar. E o faz – tão ao gosto do Século XVIII – elegendo a “natureza” como fonte imanente de verdades, mas explorando-a, como ninguém, em suas construções hipotético-dedutivas a respeito do homem e da sociedade e em seus

⁴ STAROBINSKI, J. *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*. Trad: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 38.

⁵ Id.

⁶ Id.

métodos histórico-conjecturais que, paradoxalmente, acolhem de bom grado a “ficção” como motor de pensamento ou teorização. Além disso, a ideia de “natureza” é largamente utilizada como recurso linguístico não só na filosofia, mas também em seus textos literários, para expressar sua insatisfação com relação aos rumos escolhidos pelos homens, à sociedade, à cultura e a todo o progresso técnico por ela privilegiado.

Se no Iluminismo a cultura é antropocêntrica, elegendo como o grau máximo da realização do humano a capacidade ilimitada do uso da razão e de transformar continuamente a natureza para além das necessidades reais, “tal concepção racional, fria e mecânica constitui para Rousseau a maior fonte de erros, pelo que representa de artificial e desvitalizado”⁷. Noutra direção, a natureza para ele colocaria-se como “referência permanente” e principal, quer para a ação política, quer para o desdobramento da vida individual e afetiva. Como afirma João Carlos Torres na introdução do *Discurso sobre a origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os homens*: “Para ele [Rousseau], a natureza e o natural são, indubitavelmente o metro permanente com base no qual é sempre possível tomar a medida da correção e do extravio em que coletiva ou indubitavelmente vivemos”⁸. E esse metro, no que diz respeito à moral, não estaria fora, mas dentro de nós, uma vez que a natureza seria o conteúdo original de nossa própria consciência, compreendida como uma espécie de voz interna que precisamos aprender a escutar, pois dela emanam as escolhas mais acertadas tanto do ponto de vista individual quanto da perspectiva coletiva. Na *Profissão de fé do vigário saboiano* Rousseau defende esta ideia da consciência como um princípio inato de nossa natureza:

Existe, pois, no fundo das almas um princípio inato de justiça e de virtude a partir do qual, apesar de nossas próprias máximas, julgamos nossas ações e as de outrem como boas ou más, e é a esse princípio que dou o nome de consciência.⁹

Com isso, desacredita da ideia difundida por outros filósofos de sua época de que não haveria nada “no espírito humano além do que se introduz pela experiência” e que só seríamos capazes de “julgar a partir de ideias adquiridas”¹⁰. Rousseau responde a isso da seguinte maneira:

Para nós, existir é sentir; nossa sensibilidade é incontestavelmente anterior à nossa inteligência, e tivemos sentimentos antes de ter ideias. Seja qual for a causa de nosso ser, ela proveu à nossa conservação dando-nos sentimentos convenientes à nossa natureza, e não se poderia negar que pelo menos aqueles sejam inatos. Esses sentimentos, quanto ao indivíduo, são o amor de si, o temor da dor, o horror à morte e o desejo de bem-estar. Mas se, como não podemos duvidar, o

⁷ BORNHEIM, G. “Filosofia do Romantismo”. In: GUINSBURG, J. (org.) *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1993. p. 81.

⁸ TORRES, J.C.B. “Introdução”. In: ROUSSEAU, J.-J. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Trad: Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2008. p. 21.

⁹ ROUSSEAU, J.-J. *Emílio ou da educação*. 4a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014. p. 409.

¹⁰ *Ibid.*, p. 409.

homem é sociável por natureza, ou pelo menos é feito para tornar-se tal, só pode sê-lo através de outros sentimentos inatos, relativos à sua espécie, pois, considerando apenas a necessidade física, ele deve certamente dispersar os homens, em vez de os aproximar. Ora, é do sistema moral formado por essa dupla relação, consigo mesmo e com seus semelhantes, que nasce o impulso da consciência. Conhecer o bem não é amá-lo; o homem não tem um conhecimento inato do bem; mas, assim que sua razão faz com que o conheça, sua consciência leva-o a amá-lo: é este sentimento que é inato¹¹.

A natureza, portanto, se coloca como nosso próprio ser, ou seja, aquilo que é inato em nós, e que é manifestado pelo sentimento da existência bruta. Essa não indica a maneira pela qual a realidade se reflete no interior da subjetividade; é, antes, uma experiência direta, um sentimento através do qual descobrimos a ordem da natureza a partir de nós mesmos. Consequentemente, o “sentimento da existência” funciona, para Rousseau, como critério teórico capaz de resolver o problema filosófico de definir os laços que unem a perspectiva individual e coletiva, ou seja, ao me excluir do mundo da mediação e da maldade, me permito reconstituir a humanidade que o precede. Ou, como nos indica Bento Prado Jr, é “na experiência direta de si mesmo que a consciência singular obtém a ideia de ordem universal e de Deus, que é o seu princípio”.¹²

E o que seria esta experiência direta de si? Para o filósofo genebrino, a natureza constitui-se como uma unidade pré-empírica que age autonomamente, anterior à sociedade. Ecos dessa compreensão fazem-se ouvir nas palavras de Merleau-Ponty: “É Natureza o primordial, ou seja, o não construído, o não instituído; daí a ideia de uma eternidade da Natureza (eterno retorno), de uma solidez. [...] É o nosso solo, não aquilo que está diante de nós, mas o que nos sustenta”.¹³ Aparece, portanto, como uma dimensão pré-formativa do humano e como fonte de vida que todo e qualquer processo formativo deverá considerar.

Assim, não totalmente independente das preceptivas do Iluminismo, Rousseau aposta na educação do homem virtuoso, que, por outro lado, se autotece na busca de sua própria liberdade moral: formação e autoformação conjugam-se, dessa maneira, num mesmo movimento, sem excluir as recorrências de suas dimensões emotivas e sentimentais que, em última instância, apontam para os limites da razão, da técnica e da ciência. Isso porque as referências para o bem não operam na alma humana somente por meio da razão ou da inteligibilidade do discurso; se a física e a filosofia podem explicar de alguma maneira o mecanismo dos sentidos e a formação das ideias, a vontade de querer e, para o caso de Rousseau, de escolher o bem, encontra-se em atos puramente espirituais – que de modo nenhum se explicam pelas leis mecânicas ou lógicas. Como dirá Bento Prado, poder-se-ia

¹¹ Ibid. pp. 410-411.

¹² PRADO Jr., B. *A retórica de Rousseau e outros ensaios*. Trad: Cristina Prado. São Paulo: Cosac Naify, 2008. p. 50.

¹³ MERLEAU-PONTY, M. *A Natureza*. Trad: Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p.4.

encontrar em Rousseau, “o vestígio de uma teoria da dependência do entendimento em relação à vontade”.¹⁴

Não é através somente da razão, mas no desvelamento do nosso ser que *intuímos* os valores para nossa existência. Ouvir a voz que pode estar silenciada pela turbulência da civilização, mas que nunca se cala e que nos traz de volta ao nosso verdadeiro destino, significa, por fim, abrir nossa alma para a verdade que habita em nós. Impossível aqui não escutar os ecos das vozes posteriores do movimento romântico, do qual Rousseau acaba se tornando precursor. É esse caminho, então, que tomaremos para compreender melhor a ideia de natureza contida nas obras deste romântico *avant la lettre*.

No livro *As raízes do romantismo*, o filósofo político britânico Isaiah Berlin escreve que “seria tolice negar que a doutrina de Rousseau, as palavras de Rousseau, estão entre os fatores que influenciaram o movimento romântico”.¹⁵ Entretanto, Berlin – ainda que não seja o único a perceber tais relações – adverte que o papel do filósofo tem sido exagerado dado o racionalismo dos seus escritos políticos e as formas diferentes de dizer “o mesmo” sob o registro universalista do século das luzes.

Em contrapartida, Rousseau é situado por Gerd Bornheim como uma autêntica reação ao século das luzes marcado justamente pelos racionalismos típicos daqueles tempos. Segundo esse autor, o espírito romanescos já se encontra nos *Devaneios do caminhante solitário*. Leia-se o próprio Rousseau na “Quinta caminhada”:

De que desfrutamos numa tal situação? De nada de exterior a nós, de nada a não ser de nós mesmos como Deus. O sentimento da existência, despojado de qualquer outro apego é por si mesmo um sentimento precioso de contentamento e de paz que sozinho bastaria para tornar esta existência cara e doce a quem soubesse afastar de si todas as impressões sensuais e terrenas que vêm continuamente nos afastar dela e perturbar, na terra, sua suavidade.¹⁶

O ponto de partida da referida obra é a interioridade, um voltar-se sobre si mesmo, uma atitude subjetiva que está na base de todo o pensamento moderno e pede a paisagem como veremos mais adiante. Mas não a interioridade característica de Descartes, de dimensão racionalista e que conhecemos por “cogito”, e sim, a interioridade como sinônimo de sentimento que, embora não exclua a razão, é superior a ela, dependente, por sua vez, dela. Mas lembremos mais uma vez que, ao julgar pelo conjunto da obra rousseauiana, a razão não está dispensada – ainda no interior das premissas iluministas – de atuar como uma força capaz de “iluminar” a bondade, conteúdo originário do coração do homem. O coração a sente, a razão a

¹⁴ PRADO Jr, B. *A retórica de Rousseau*. Org: Franklin de Mattos. Tradução Cristina Prado. São Paulo: Cosac Naify, 2008. p. 50.

¹⁵ Berlin, I. *As raízes do romantismo*. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

¹⁶ Rousseau, J.-J. *Os devaneios do caminhante solitário*. Trad: de Fúlvia Moretto. Brasília: UNB, 1986. p. 76.

ilumina e a consciência a revela apontando para as melhores escolhas. Leiamos as palavras de Robert Derathé a esse respeito:

É aqui que intervém a consciência, faculdade providencial, instinto divino, que deve servir de guia a nossa razão. Para preservar nossa razão dos erros onde levariam fatalmente nossas paixões, é preciso submetê-la à direção da consciência.¹⁷

A consciência torna-se assim o sentimento interior que preserva o homem do erro e dos abusos cometidos pela razão. É esse sentimento, ainda segundo Derathé, que:

[...] de um certo modo [...] distingue o verdadeiro do falso quando se trata dessas noções primitivas que não são suscetíveis de serem deduzidas do que nós já sabemos. De uma maneira geral, colocando a razão sob o controle da consciência, Rousseau quer sobretudo indicar que não se pode separar o exercício do pensamento das virtudes morais e que a retidão do julgamento depende antes de tudo da retidão do coração.¹⁸

De fato, o par razão/sentimento – tanto na obra de Rousseau, quanto na perspectiva dos românticos e ainda nas vozes de comentadores – poderia ocupar-nos por um bom tempo, mas não é esse exatamente o nosso objetivo. Em termos mais genéricos – embora toda essa discussão seja relevante para compreendermos o devaneio como o sono da razão – o que deverá chamar a nossa atenção aqui são as irradiações rousseauianas sobre o movimento romântico que, embora difícil de definir e de circunscrever, é reconhecido como genuinamente alemão. A começar pelo culto à natureza, tema central em toda a obra de Rousseau.

De acordo com Benedito Nunes, a atração pelos cenários naturais e a fruição voluptuosa da paisagem já está presente nas descrições de Saint-Preux feitas à Júlia em *Júlia ou a nova Heloísa*. Essa atração associa-se à nostalgia do paraíso perdido e a uma insatisfação com o todo da cultura. Entretanto, para o caso de Jean-Jacques, uma insatisfação que aspira a uma resolução no seu próprio interior, politicamente traduzida na utopia da sociedade ideal do *Contrato*. Contudo, frente à impossibilidade da realização histórica dessa última, essa insatisfação retorna em prosa poética, nos *Devaneios do caminhante solitário*, onde nos deparamos com um Rousseau desapontado com os homens e que, especialmente na “Quinta caminhada”, afronta a sociedade, exibindo seu ócio, seu estado de farniente. Note-se, junto a Nunes, que a inspiração quase arcádica que vemos nesse quinto devaneio já estava implícita nos dois *Discursos* (desde lá, Rousseau descobriu-se “enfermo de civilização”), na *Nova Heloísa* e no próprio *Contrato* e consumou a politização do conceito idílico de natureza que, segundo esse autor, Schiller assimilou e transmitiu à primeira geração dos românticos alemães.¹⁹

¹⁷ DERATHÉ, R. *Le rationalisme de Jean-Jacques Rousseau*. Genève: Slatkine Reprints, 1979. p. 172. (tradução nossa).

¹⁸ Ibid. pp. 173-174.

¹⁹ NUNES, B. “A visão romântica”. In: GUINSBURG, J. (org.) *O romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1993. p. 69.

A literatura aparece como um dos grandes canais da expressão de individualidades, de uma subjetividade que agora reclama um campo semântico, de uma vontade íntima de fusão com a natureza e, embora haja incontáveis controvérsias sobre a posição de Rousseau como iluminista ou como romântico, não podemos negar que a linguagem desse autor se abre para o cruzamento entre filosofia e literatura que, mediante um paradigma musical,²⁰ chega a inaugurar uma prosa já poética, fundando desse modo uma nova modalidade expressiva.

Se considerarmos que o gênio criador de Rousseau o transforma não em um poeta evidentemente, mas em um teórico-artista que revelou sua filosofia sob uma peculiar perspectiva existencial, veremos o quanto se aproxima das preceptivas românticas. Rousseau também soube reconhecer a verdade no poema da vida e do mundo, e seus esforços podem ser medidos pela busca de uma linguagem original, capaz de movimentar a alma de seus leitores. Ao estetizar seu pensamento, a natureza, a moral, a filosofia, a verdade e a própria existência, podemos dizer que Jean-Jacques inaugura uma “retórica da sensibilidade”,²¹ renovando todo um movimento literário e filosófico anterior.²²

Assim, o uso que faz das palavras explora suas múltiplas possibilidades expressivas, oferecendo-nos a chance de (re)ver e (re)descobrir a natureza – construção filosófico-poética – que há em nós. Nas palavras de Hermann: “Rousseau combina o acento literário e o estilo imagético de seus escritos com capacidade argumentativa, para indicar a Natureza como um conceito filosófico estruturante”²³

²⁰A *linguagem musical* (ou imitativa) seria aquela capaz de representar o invisível e o indizível, uma vez que a força da música estaria, justamente, no afastamento de que é capaz em relação à simples visão, como nos explica Bento Prado Jr. “[...] a arte do músico consiste em substituir à imagem insensível do objeto a dos movimentos que sua presença excita no coração do contemplador [...] ela não representará diretamente as coisas mas excitará na alma os mesmos sentimentos que experimentamos ao vê-las (PRADO JR., B. Op.cit. p. 164). Logo, a linguagem musical é capaz de doar *força* ao discurso, pois logra uma imitação espontânea dos sentimentos daquele que cria e os provoca naquele que lê. Em contraposição ao paradigma musical, temos o paradigma pictórico de linguagem; neste, o orador/escritor limita-se a nomear as coisas que se pode ver, mantendo-se no nível das aparências.

²¹ Este termo aparece no texto “A retórica da sensibilidade nas *Rêveries du promeneur solitaire*” de Adalberto Luis Vicente, publicado na coletânea: *Verdades e mentiras: 30 ensaios em torno de Jean-Jacques Rousseau*. Ijuí: UNIJUÍ, 2005.

²² Esse movimento artístico, seguindo o novo ideal de saber instituído por Descartes, submete-se às mesmas regras racionais que guiavam a lógica, as matemáticas, a física e a psicologia. Ou seja, da mesma forma que as ciências *stricto sensu*, não existiria nenhum outro meio de comprovar se a arte possui um conteúdo autêntico, duradouro e essencial senão adequando-a às regras da razão. Portanto, a arte deveria ser também universalmente válida, superando qualquer julgamento arbitrário ou convencional Cfe. CASSIRER, E. *A filosofia do iluminismo*. Trad: Álvaro Cabral. Campinas: UNICAMP, 1992.

²³ HERMANN, N. “Rousseau: o retorno à natureza”. In: CARVALHO, I.; GRUN, M.; TRAJBER, R. (orgs). *Pensar o Ambiente: bases filosóficas para a educação ambiental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2006. p. 94.

e o faz, como nos indica Paul De Man (1979), no livro *Allegories of Reading*, mediante uma desconstrução da linguagem conceitual.

Tal desconstrução em nível linguístico quer surtir seus efeitos também e, principalmente, em termos de uma formação moral. É com esse intuito que nosso autor denunciará a perda da força originária por parte das línguas modernas, resultado de sua excessiva normatização e de academização.

O que deveria, então, guiar nossos discursos? Segundo ele, a norma de uma verdade ética e de um saber governado pela justiça amparada, ao nosso ver, nos múltiplos moldes narrativos que a filosofia deveria admitir, não se restringindo portanto ao conceitual. Uma linguagem que se quer “pura e transparente”, capaz de expressar a alma e atingir o coração, ainda que tudo isso possa acontecer em parceria com as luzes da razão.

Resumidamente, a linguagem para Rousseau, deixa de ser a imagem solitária da razão, para ceder lugar também às emoções daquele que escreve e daquele que lê, uma vez que a opção apenas pela inteligibilidade do discurso – composta de palavras sem “força” – provocaria, no máximo, uma admiração fria e estéril.²⁴ Em lugar de uma linguagem puramente instrumental ou direta, Rousseau ambiciona uma linguagem que saiba aliar o sensível ao inteligível propondo, ao lado do conceito, também o fluxo das sensações e dos sentimentos. O sensível e o inteligível aliam-se, desse modo, numa espécie de jogo que constituiria a própria experiência, já que ignorar o sujeito que fala seria ignorar a verdadeira razão de ser da linguagem que era, em seus primórdios, a expressão dos sentimentos naturais. Em outras palavras, Rousseau almeja por uma obra que consiga ultrapassar as simples convenções gramaticais da língua, uma filosofia que não precise abdicar de sua dimensão sensível, criativa e estética em nome apenas da clareza conceitual.

Bento Prado afirma que ler “Rousseau não é somente ler uma teoria, mas a expressão de um certo ritmo existencial”.²⁵ Afinal, que outra linguagem, se não a do coração, poderia expressar o sentido mais profundo da vida?

Vejamos, então, como Rousseau materializa esse “ideal de linguagem” através da análise da “Quinta caminhada” de seus *Devaneios*.

OS DEVANEIOS DO CAMINHANTE SOLITÁRIO E A FORÇA DA NATUREZA

Ao se lançar na tarefa de escrever seus próprios devaneios, Rousseau tem um claro objetivo: chegar a si mesmo. Está cansado do mundo e dos homens. Já em idade avançada, mais nada lhe importa a não ser seu próprio *eu*. E esse encontro não viria de outro lugar senão da descoberta de uma relação íntima entre seu interior e a natureza exterior. Como nos diz Fúlvia Moretto na introdução da obra “[...] o autor usa, para exprimir suas ideias, imagens, especialmente metáforas, extraídas do

²⁴ PRADO Jr. B. Op.cit. pp. 134-135.

²⁵ Ibid. p. 52.

vocabulário da natureza”,²⁶ tentando exprimir uma alma ainda ocupada de si mesma. Quer transmitir a paz que encontrou na ilha de Saint-Pierre, junto ao lago de Bienne, pela tranquilidade líquida de um sonhador que escreve em sintonia com a natureza. Nas palavras de Rousseau:

Tal foi o estado em que me encontrei muitas vezes na Ilha de St. Pierre, em meus devaneios solitários, seja deitado em meu barco, que deixava vagar ao sabor da água, seja sentado sobre as margens do lago agitado, seja em outro lugar, à margem de um belo rio ou de um regato a murmurar sobre o cascalho.²⁷

E é assim que nosso filósofo – paradoxalmente cansado de filosofia – entrega-se ao desejo de “não pensar”. Se o cenário da cidade lhe devolvia, continuamente, à filosofia, levando-o a refletir sobre a instabilidade das coisas do mundo, queria agora agarrar-se à uniformidade do movimento contínuo da natureza, em busca de algum ponto fixo de sustentação. Ou seja, a satisfação plena não seria alcançada com o acúmulo de mais forças para satisfazer vontades contínuas, mas, pelo contrário, o homem feliz será aquele que conseguir banir as más paixões para que nenhuma lhe perturbe a calma. O que não significa a completa letargia, mas a substituição dos movimentos que vêm de fora pela atividade que surge de dentro de nós. Nas palavras de Rousseau:

[...] a maioria dos homens, agitados por paixões contínuas, conhece pouco esse estado e tendo-o experimentado apenas de forma imperfeita, durante poucos instantes, dele não conservam senão uma ideia obscura e confusa que lhes faz sentir seu encanto. Nem mesmo seria bom, na presente constituição das coisas, que, ávidos desses doces êxtases, adquirissem aversão pela vida ativa, da qual suas sempre novas necessidades lhes prescrevem o dever. Mas um infeliz que foi separado da sociedade humana e que nada mais pode fazer de útil e de bom, na terra, para os outros ou para si mesmo, pode encontrar nesse estado, para todas as felicidades humanas, compensações que o destino e os homens não lhes poderiam retirar. É verdade que essas compensações não podem ser sentidas por todas as almas, nem em todas as situações. É preciso que o coração esteja em paz e que nenhuma paixão venha perturbar sua calma. Para isso são necessárias certas disposições da parte daquele que as sente, é preciso que existam no auxílio dos objetos que o rodeiam. Não deve haver nem um repouso absoluto nem demasiada agitação, mas um movimento uniforme e moderado, sem abalos nem intervalos. Sem movimento, a vida é apenas letargia. Se o movimento é desigual ou por demais forte, acorda; chamando nossa atenção para os objetos que nos rodeiam, ele destrói o encanto do devaneio e nos arranca de dentro de nós mesmos para nos recolocar imediatamente sob o julgo do destino e dos homens e nos devolver o sentimento de nossas infelicidades. Então, o socorro de uma imaginação alegre é necessária e se apresenta com bastante naturalidade àqueles que o Céu

²⁶ MORETTO, F. “Introdução”. In: *Os devaneios do caminbante solitário*. Op.cit. p. 5.

²⁷ ROUSSEAU, J-J. *Os devaneios do caminbante solitário*. Op.cit. p. 76.

gratificou com tal imaginação. O repouso é menor, é verdade, mas é também mais agradável quando leves e doces idéias, sem agitar o fundo da alma, por assim dizer, apenas tocam levemente sua superfície. Somente o necessário para lembra-se a si mesmo, esquecendo todos os seus males.²⁸

A ilha de Saint-Pierre apresentava-se, desse modo, como o ambiente mais favorável para alcançar tal estado. Um lugar ao mesmo tempo fértil e solitário, separado do resto do mundo, onde nosso Jean-Jacques poderia ficar em paz, longe de seus perseguidores²⁹ e da sociedade que não o compreendeu. Na companhia contida dos poucos moradores afáveis, rodeado de verduras, de flores, de pássaros e de vasta extensão de águas claras, não se deixava levar pelas lembranças das calamidades de toda espécie que se abateram sobre a sua pessoa durante tantos anos.

[...] e, enquanto estavam ainda à mesa, esquivava-me e ia me atirar, sozinho, num barco, que conduzia ao centro do lago, quando a água estava calma, e lá, estendendo-me completamente no barco, com os olhos voltados para o céu, deixava-me estar e derivar lentamente ao sabor da água, algumas vezes durante várias horas, mergulhando em mil devaneios confusos mais deliciosos, e que, sem nenhum objeto bem determinado nem constante, não deixavam de ser, na minha opinião, cem vezes preferíveis a tudo o que encontrara de mais doce no que chamam os prazeres da vida.³⁰

A “Quinta caminhada” ou o “Quinto devaneio”, dentre as dez que compõem a obra, marca, enfim, o encontro com a felicidade tão procurada, e é considerado por Fúlvia Moretto como um texto que antecipa a nova escola romântica. Ali, flutuando sobre o lago tranquilo de Bienne, Rousseau esvazia-se e outra vez renasce em meio à água que, fonte de vida e nascente primordial, evoca o arquétipo de uma natureza-mãe. Rememorar as imagens das águas calmas de um lago – sejam elas componentes da paisagem real ou frutos de construções literárias – aparece, então, como uma possibilidade de evocar sensações com conteúdos de nossa memória primordial. Em outras palavras, remeter-se à água é acreditar que essa imagem representa um “centro espiritual ancestral” capaz de desvelar a “natureza-potência” que habita o interior de cada ser humano, mesmo que soterrada por camadas e mais camadas de convenções ou arbitrariedades históricas, sociais e culturais. E por que, ao ouvir as

²⁸ Ibid. pp. 76-77.

²⁹ Não nos é possível saber se a perseguição que Rousseau efetivamente sofreu a partir da condenação de suas obras correspondeu de fato ao seu sentimento de “complô universal” contra a sua pessoa...; supomos que tal sentimento seria, junto aos seus componentes reais, também fruto de alguma patologia mental do autor. O fato é que o genebrino possuía um gosto especial pela solidão e em seus derradeiros anos de vida sua mania persecutória agravou-se, o que alimentou ainda mais o referido gosto. Assim, começa o primeiro Devaneio: “Eis-me, portanto, sozinho na terra, tendo a mim mesmo como irmão, próximo, amigo, companhia. O mais sociável e o mais afetuoso dos humanos dela foi proscrito por um acordo unânime” (ROUSSEAU, J-J. *Os devaneios do caminbante solitário*. Op.cit. p. 23).

³⁰ Ibid. p. 74.

palavras daquele que sabe contar-cantar esse asilo ancestral, não haveríamos de “reencontrá-lo” também?

Admiradores das letras que somos, devemos reconhecer que a genialidade do escritor está justamente na sua habilidade de mesclar espetáculo e lembrança, sendo capaz de reconstituir sua experiência primeira na alma de seus leitores. Assim, Rousseau “sai” do seu devaneio existencial e particular para comunicá-lo e, embora afirme só escrever para si, este ato já representa, inevitavelmente, uma exteriorização de seu devaneio original, interno e mudo. Portanto, todo esforço e o talento de Rousseau está em diminuir a distância entre o vivido, o sentido e o escrito, ambicionando uma espécie de “escrita sensorial” que reproduza no leitor o mesmo estado vivido pelo autor. Ao reconhecer o poema da vida, quer levar a sonhar e não a raciocinar, e é por isso que podemos dizer: a ambição de Rousseau é ser o artífice de uma prosa poética; para tanto, convida sua memória e a “preenche” quando esta não lhe responde, revestindo suas lembranças de uma “verdade” afetiva, uma verdade nascida também do sentimento, que mistura os fatos às imagens, mesclando experiência e imaginação, traduzida – Rousseau assim o deseja – por uma linguagem “primeira”, oriunda da própria natureza. E será, por fim, essa a força capaz de movimentar a alma de seus leitores.

Ao escrever sobre sua curta permanência na ilha de Saint-Pierre, Rousseau a *estetiza*, tornando o estado de plenitude que vivenciou em sua experiência primeira consciente e comunicável. O que nos leva à pergunta: o lago Bienne e a ilha de Saint-Pierre seriam tão belos e tocantes se não fossem apresentados pela “escrita sensorial” de Rousseau? Do que se constitui esta “estranha indústria”³¹ que está por trás da reconstituição de uma emoção que, em sua forma e intensidade originais, é “irrepetível”? Podemos pensar nas manobras linguísticas operadas por nosso filósofo-artista que, como nos indica Marlene Dozol, unem

o paradigma musical como fonte indireta para escrever, as regras da retórica, a metáfora, a alegoria e a analogia, a imagem e o conceito, sem contudo despir o devaneio da emoção ou do sentimento no esforço e na arte de procurar designar o que, a princípio, não se deixa designar”.³²

É dessa maneira, que o ato de escrever representa uma paciente procura da forma justa, daquela frase em que todos os elementos são insubstituíveis, mediante o encaixe perfeito dos sons, do visível e das ideias. Como afirma Ítalo Calvino: “Estou convencido de que escrever prosa em nada difere do escrever poesia; em ambos os casos, trata-se de uma busca de uma expressão necessária, única, densa, concisa e

³¹ Expressão que tomamos de empréstimo a Paul Valéry, quando comenta sobre a “estranha indústria” que há por trás até mesmo de um poema enquanto uma emoção que pede uma reconstituição (apud, NOVAES, Adauto (org.). “Constelações”. In: *Artepensamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 11.)

³² DOZOL, M. “Com Jean-Jacques Rousseau: pelas margens”. In: *Cadernos de educação*. FaE/PPGE/UFPEL 122. Pelotas, janeiro/fevereiro/abril, 2012. p. 129. Disponível em: [file:///C:/Users/LAVERSA/Downloads/2095-2831-2-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/LAVERSA/Downloads/2095-2831-2-PB%20(1).pdf). Acesso em: 25/09/2017.

memorável”.³³ Por isso, podemos afirmar que “[...] certos usos linguísticos, mais do que simplesmente destinados à pura informação, se caracterizam por uma intenção expressiva, carregando-se de valores afetivos e evocatórios”.³⁴

A forma que Rousseau encontrou para escrever foi sua estratégia para impedir que as convenções da língua – embora necessárias para comunicar – destruíssem a expressividade, a polissemia e a graça de ideias tão preciosas para ele, e esse é justamente o caso da palavra-sentimento “natureza”. Assim, em seus escritos, sua expressão aparece carregada de motivações afetivas particulares, exigindo de seu leitor um “algo a mais” que ultrapasse a inteligibilidade do discurso.

Quiçá, a rememoração seja também a oportunidade de reviver a plenitude, mas agora de outra maneira, pois, se durante o devaneio propriamente dito não há reflexão, e o ser se fixa num elemento da natureza deixando-se levar “sem ter o trabalho de pensar”,³⁵ é com o pensamento que a reconstrução daquele momento se dá e a arte de Rousseau parece ser a de “esconder” sua função catalisadora. Não é em meio à natureza que Rousseau pensa suas lembranças, é dentro do seu quarto, diante de uma folha de papel e a pena à mão... Portanto, se a experiência que lá viveu e que nos dá a conhecer dispensou o pensamento, este é chamado tão logo surge o desejo de exprimir aquele momento em palavras capazes de passar ao leitor o sentimento de plenitude e êxtase que tomou conta de sua alma reconectada à natureza, vagueando e planando sobre o universo.

Daí que não é exatamente a exuberância da natureza que o atrai em seus esforços de memória eletiva e afetiva para recuperar a experiência vivida, e sim o desafio de recompor, com palavras, a fusão do eu com essa mesma natureza. A descida para a beira do lago é a imagem da descida para si, como diz Fúlvia Moretto “o eu desce ao nível do lago para se identificar com a água”.³⁶ Essa, por sua vez, o símbolo do reencontro, da purificação e do renascimento. Rousseau, então, ama a imagem que constrói desse refúgio, remonta em sua memória um tempo de sua vida e o idealiza. Como nos explica Bachelard,

[...] amar uma imagem é sempre ilustrar um amor; amar uma imagem é encontrar sem o saber uma metáfora nova para um amor antigo [...]. Amar uma paisagem solitária, quando estamos abandonados por todos, é compensar uma ausência dolorosa, é lembrar-nos daquela que não abandona... Quando amamos uma realidade com toda a nossa alma, é porque essa realidade é já uma alma, é porque essa realidade é uma lembrança.³⁷

³³ CALVINO, I. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad: Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 63.

³⁴ MONTEIRO, J. *A estilística: manual de análise e criação do estilo literário*. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 7.

³⁵ ROUSSEAU, J-J. *Os devaneios do caminhante solitário*. Op.cit. p. 75.

³⁶ MORETTO, F. Op.cit. p.15.

³⁷ BACHELARD, G. *A água e os sonhos. Ensaio sobre a imaginação da matéria*. Trad: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997. pp. 120-121.

Como acabamos de afirmar, Rousseau não ama propriamente o lago ou a ilha como paisagem acusada por seus olhos, ama a influência que eles lhes causaram, ama as energias que movimentaram sua alma. Sente que o estar ali lhe proporciona a possibilidade de estar no interior de uma Ordem imanente. É como se uma certa materialidade tocasse um plano irreal, que não é, contudo, abstrato, mas composto por forças simbólicas que habitam nossa psique como imagens materiais, e que podem ser excitadas de “fora” para “dentro” e uma outra vez de “dentro” para “fora” – seja pela experiência natural em si mesma, seja por sua transmutação em arte. Foi assim que Rousseau encontrou, no devaneio, e em sua posterior escrita, uma saída para deixar fluir livremente sua alma e sua imaginação. Ao fixar-se na substância, deixa-se regular por ela, e são os elementos da natureza que o conduzem, na vida e na escritura:

o ruído das vagas e a agitação da água fixando meus sentidos e expulsando de minha alma qualquer outra agitação, a mergulhavam num devaneio delicioso, em que a noite me surpreendia muitas vezes sem que o tivesse percebido. O fluxo e refluxo dessa água, seu ruído contínuo, mas crescente por intervalos, atingindo sem repouso meus ouvidos e meus olhos, supriam os movimentos internos que o devaneio extinguiu em mim e bastavam para me fazer sentir com prazer minha existência sem ter o trabalho de pensar.³⁸

Lá, como num corpo d'água dormente, superfície e profundidade se reconciliam. “A água profunda contemplada num devaneio ajuda a exprimir a alma profunda do sonhador”.³⁹ Desse modo, pode-se pensar que o devaneio não nos leva a uma evasão, e sim a uma fusão entre interior e exterior. E não é sobre essa fusão que tanto filosofaram e poetizaram os românticos, leitores de Rousseau? Sobre o poder da arte de provocar a experiência metafísica de uma união absoluta com o todo? De qualquer maneira, independente das alusões ao pré-romantismo ou já romantismo de Rousseau, o que nos interessou aqui foi a relação entre experiência e escrita que Rousseau procura unir.

Vimos que, embora impedido de voltar à tão vivida e sonhada ilha, Rousseau acredita poder, com a ajuda das “mãos” da memória e da imaginação, transportar-se para lá. Aos atrativos de um devaneio monótono, acrescentaria imagens encantadoras que o vivificariam. Em seus êxtases, os objetos muitas vezes lhe escapavam, mas, agora, seria capaz de reconstruir um devaneio mais profundo mesmo que considerasse sua memória e sua imaginação um tanto enfraquecidas.

De qualquer modo, para o leitor dos *Devaneios*, Rousseau alia potência de sentimento e de pensamento, mostrando todo o vigor de sua prosa poética ao esmaecer as fronteiras entre a filosofia e a literatura no seu e no nosso tempo. Logra, portanto, vencer a barreira entre a “experiência primeira” e a arte por meio de uma “escrita híbrida”, reconciliando pares, aparentemente, antagônicos; de maneira que, ao ler seu texto, possamos ter essa “experiência direta” que despertará a natureza

³⁸ ROUSSEAU, J-J. *Os devaneios do caminhante solitário*. Op.cit. p. 75.

³⁹ BACHELARD, G. *A poética do devaneio*. Trad: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 190.

“adormecida” dentro de nós: essa a sua ambição. E, certamente para ele, não é através de uma escrita que se limita a representar as coisas em sua faceta inteligível que esse efeito – que se quer atuante nas camadas mais profundas do sensível – será causado, mas mediante uma escrita entremeada ao “sentimento”; essa, sim, uma aposta bem mais promissora no sentido de provocar transformações que, como mostramos no início do presente texto, se articulam com um plano metafísico, moral, psicológico, físico e até mesmo formativo.

Por fim, a ação de aliar arte e pensamento corresponde, em Jean-Jacques Rousseau, à tentativa de encontrar, num mundo que parece envolto em caos e corrupção, elementos que ainda nos façam vibrar na mesma frequência da natureza, fonte primeira de harmonia e das verdades que podem nos conduzir à plena felicidade, nem que esta seja, no final das contas, uma produção filosófico-literária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos. Ensaio sobre a imaginação da matéria*. Trad: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. *A poética do devaneio*. Trad: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BERLIN, Isaiah. *As raízes do romantismo*. São Paulo: Três Estrelas, 2013.
- BORNHEIM, Gerd. “Filosofia do romantismo”. In: GUINSBURG, J. (org.) *O romantismo*. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1993. pp. 75-111.
- CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad: Ivo Barroso. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CASSIRER, Ernst. *A filosofia do iluminismo*. Trad: Álvaro Cabral. Campinas: UNICAMP, 1992.
- DERATHÉ, Robert. *Le rationalisme de Jean-Jacques Rousseau*. Genève: Slatkine Reprints, 1979.
- DOZOL, Marlene de Souza. “Com Jean-Jacques Rousseau: pelas margens”. In: *Cadernos de educação FaE/PPGE/UFPel 122*, Pelotas, janeiro/fevereiro/abril, 2012. pp. 122-133. Disponível em: [file:///C:/Users/LAVERSA/Downloads/2095-2831-2-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/LAVERSA/Downloads/2095-2831-2-PB%20(1).pdf). Acesso em: 25/09/2017.
- HERMANN, Nadja. “Rousseau: o retorno à natureza”. In: CARVALHO, Isabel C. M.; GRUN, Mauro; TRAJBER, Rachel (orgs). *Pensar o Ambiente: bases filosóficas para a Educação Ambiental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2006.
- MAN, Paul. *Allegories of reading*. New Haven and London: Yale University Press, 1979. pp.189-245
- MARQUES, José Oscar de Almeida (org). *Verdades e mentiras: 30 ensaios em torno de Jean-Jacques Rousseau (Coleção Filosofia)*. Ijuí: UNIJUÍ, 2005.

- MERLEAU-PONTY, Maurice. *A natureza: curso do Collège de France*. Trad: Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2006. Primeira parte, pp. 3-57
- MONTEIRO, José Lemos. *A estilística: manual de análise e criação do estilo literário*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- MORETTO, Fúlvia. “Introdução”. In: *Os devaneios do caminhante solitário*. Brasília: UNB, 1986.
- NOVAES, Adauto (Org.). “Constelações”. In: *Artepensamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- NUNES, Benedito. “A visão romântica”. In: GUINSBURG, J. (org.) *O romantismo*. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1993. pp. 75-111.
- PRADO JR, Bento. *A retórica de Rousseau e outros ensaios*. Org: Franklin de Mattos. Trad: Cristina Prado. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou da educação*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- _____. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Trad: de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- _____. *Discurso sobre as ciências e as artes*. Trad: Lourdes Santos Machado. São Paulo: Nova Cultural, 1999. pp. 165-214. (Coleção Os Pensadores – Rousseau, vol. II).
- _____. *Os devaneios do caminhante solitário*. Trad: Fúlvia Moretto. Brasília: UNB, 1986.
- SCHEEL, Márcio. *Poética do romantismo: Novalis e o fragmento literário*. São Paulo: Unesp, 2010.
- STAROBINSKI, Jean. *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*. Trad: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- TORRES, João Carlos Brum. “Introdução”. In: ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Trad: Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2008.

Artigo recebido em: 26/09/2017 e aceito em: 03/09/2018